

FVC p2

No fio da navalha

O deputado Ulysses Guimarães pronunciou, sem dúvida, um discurso de estadista, ainda que se possa fazer reparos aqui e ali em sua peça oratória. Até certos trechos que poderão ser considerados mais radicais pelos mais sensatos e nos setores atingidos, como a referência à morte do ex-deputado Rubens Paiva, em sua boca ganham tonalidade adequada, graças à autoridade que conquistou como combatente do regime autoritário.

Nenhum político brasileiro teria a autoridade do Dr. Ulysses Guimarães para fazer as afirmações que fez, por mais duras que tenham sido. Foi um discurso de candidato, que calou a boca dos seus adversários dentro e fora do PMDB, principalmente à esquerda. Mais: foi como um grito no escuro que partiu de alguém que o guardou durante mais de 20 anos.

Quando o Brasil vivia sob o reinado do mais severo regime discricionário de que temos memória, o Dr. Ulysses se transformou numa voz incontestável a bradar no deserto pelo restabelecimento dos valores democráticos. É possível que, em algumas oportunidades, o excesso de zelo do veterano político o tenha traído, como naquele discurso em que comparou o general Ernesto Geisel ao ditador de Uganda, Idi Amin Dada.

Contudo, ninguém lhe nega coerência absoluta em sua atuação na luta pelo restabelecimento de um regime de franquias democráticas no Brasil. De tal forma sua voz soava em timbre sempre forte na defesa desses valores, dentro de uma realidade

política e institucional inteiramente hostil, que os diplomatas acreditados em Brasília se acostumaram a chamá-lo de nefelibata — ou, segundo o Aurélio, aquele que vive nas nuvens. Nenhum político brasileiro, portanto, teria autoridade para dizer tanto.

Mais do que ninguém, o experiente político paulista sabe que, no Brasil e na América Latina, a democracia é aquela plantinha tenra que pede constantemente para ser regada, como dizia o saudoso Otávio Mangabeira nos idos de 1946. O fulgor de suas imagens fascinou os que têm gosto literário, mas certamente desagradou influentes setores das Forças Armadas, cuja importância política no Brasil dispensa comentários.

O duro pronunciamento de Ulysses, que lembrou sua atuação nos velhos tempos do extinto MDB, quando cavalgava sobre as ondas da luta em que se dividiam “autênticos” e “moderados”, serviu aos interesses do político que tudo tem para aspirar a Presidência da República, mas pode não ter sido a peça oratória mais adequada ao momento e ao processo de transição democrática, no qual sua figura desempenha papel de singular relevância.

Pelo discurso, fica a impressão de que Ulysses desgarra-se do Governo, afasta-se de Sarney. Sobre seus ouvidos chovem propostas de rompimento, mas não é legítimo supor que o experiente político ceda, por hora, aos cantos da sereia. Ele alça voo com autonomia sem chegar ao limiar do rompimento com Sarney. Pelo menos, por hora.

07 OUT 1988

CORREIO BRAZILIENSE